

melhor” – o livro não se dedica à exposição de experiências educacionais, mas constitui-se em um ensaio em que o autor examina alguns lugares comuns caros aos meios educacionais, relativos à formação para a cidadania, à escola pública e seu papel na atualidade. Decerto, o caráter francamente opinativo do texto deixa amplo espaço para concordância, assim como para objeções. Mas, em especial, a crítica à pletora de expectativas lançadas sobre a escola e à idéia de uma “criança-cidadã” (p. 42), às insuficiências do escolanovismo (p. 70) e aos excessos do construtivismo (p. 89), assim como o clamor por uma resposta às desigualdades e exclusões sociais que não implique abandono da exigência da pluralidade e da visibilidade são questões que, mais do que suscitar adesões ou antagonismos, carecem ainda de cuidadoso exame da área.

Por isso, não obstante os reparos que se fazem necessários (para citar os mais evidentes, é sem dúvida impreciso afirmar que o “primeiro esboço de projeto nacional” teve que esperar por Vargas (p. 68); parece igualmente pouco prudente incluir a noção de *autenticidade* nesse sentido subjetivo e todo interior que a modernidade cunhou entre os temas platônicos (p. 93); também a aproximação da noção arendtiana de *senso comum* às tarefas da escola mereceria maior desenvolvimento (p. 101-102); há um evidente equívoco na caracterização da diferença entre as noções de “educar” e “instruir” na tradição francesa (p. 61) etc.), deve-se reconhecer que o autor localiza com clareza não só os maiores desafios colocados atualmente para a formação humana, como identifica com habilidade os instrumentos teóricos capazes de amparar-nos em seu enfrentamento. Assim, se o trabalho não esgota, longe de lá, o prodigioso potencial de contribuições que ainda resta a ser explorado pela educação – nem é esse,

digam-se de passagem, seu intuito –, não restam dúvidas de que ele tem o mérito de lembrar-nos de que essa tarefa está ainda por ser realizada.

Lilian do Valle

Professora titular de filosofia da educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro *E-mail*: lvalle@uerj.br

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.

A questão multicultural tem despertado interesse e candentes debates na atualidade. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas* traz uma importante contribuição para ampliar e aprofundar esse debate em bases teóricas. Os organizadores são Antônio Flávio Barbosa Moreira (Universidade Católica de Petrópolis) e Vera Maria Candau (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), que já possuem outras obras tratando das temáticas de currículo, cultura e formação de professores.

O livro traz uma coletânea de artigos de autores diversos sobre questões referentes a identidade, raça, gênero, sexualidade, religião, cultura juvenil e saberes. Os artigos vinculam essas questões com a escola, com o currículo, alunos e professores, ou seja, com a prática pedagógica. São textos atuais que se propõem a desafiar representações hegemônicas. A discussão da questão multicultural precisa ir além do discurso, assim como começar a prover ferramentas mais práticas em conjunto com lentes conceituais. Essa é a proposta do livro: discutir aspectos teóricos e práticos do multiculturalismo que podem dar bases para uma formação de professores mais crítica.

O primeiro texto é de Vera Can-

dau, que defende a interculturalidade, perspectiva que implica a aceitação da interrelação entre diferentes grupos culturais; da permanente renovação das culturas; do processo de hibridização das culturas; e da vinculação entre questões de diferença e desigualdade. Partindo do pressuposto que a diferença se encontra na base dos processos educativos, a autora sugere possibilidades pedagógicas para o desenvolvimento de uma educação intercultural na escola.

O segundo texto, de Antônio Flávio Moreira e Michelle Januário Câmara, enfoca a questão da identidade, argumentando com base nos estudos culturais. Discute as concepções de identidade e diferença e apresenta possíveis formas de lidar com essas questões no cotidiano da escola. Traz a experiência de uma pesquisa realizada em sala de leitura, mostrando a possibilidade de envolver alunos em discussões sobre raça, gênero e sexualidade, com a intenção de desafiar representações hegemônicas.

O terceiro texto, de Nilma Gomes, sustenta que o racismo e a desinformação sobre a ascendência africana no Brasil constituem obstáculos à formação de uma consciência coletiva que tenha como eixo de ação política a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Discute a lei n. 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história da África e de cultura afro-brasileira nos currículos da escola básica. A partir de uma visão crítica dessa proposta, a autora destaca os aspectos positivos da nova legislação, mas também alerta para os necessários cuidados em sua implementação.

O texto de Marília Pinto de Carvalho é o quarto da coletânea e aborda a relação entre gênero e educação. Investiga a percepção das professoras de ensino fundamental sobre o desempenho escolar de meninos e meninas, apontando que a falta de critérios claros para avaliar faz com que elas recor-

ressem a repertórios e valores pessoais marcados por preconceitos de gênero, prejudicando os alunos do sexo masculino. Afirmo que é impossível enfrentar os problemas centrais da educação brasileira hoje sem uma adequada apropriação do conceito de gênero.

O quinto texto é de Luiz Carlos Moita Lopes, abordando o tema da sexualidade. O autor, ancorado na teorização *queer*, problematiza qualquer sentido de verdade e de normatividade em relação à sexualidade, oferecendo-nos a possibilidade de compreender as sexualidades para além das políticas da diferença. Propõe que a escola seja um lugar de recriar e politizar a vida social, de compreender a necessidade de não separar cognição e corpo.

Stella Caputo escreve o sexto texto, explorando a temática das crianças que são preparadas para penetrar nos mistérios do candomblé. Elas dizem-se orgulhosas da religião que professam, mas a situação modifica-se ao chegar à escola, quando começam a ser discriminadas por professores e colegas, o que se confirma pelas entrevistas e

observações realizadas pela autora. Caputo alerta para o “silenciamento” a que são submetidos esses estudantes, com conseqüências nefastas para sua auto-estima.

Paulo Carrano, no sétimo texto, discute a importância das culturas juvenis, destacando seu potencial criativo na reformulação das escolas e dos currículos. Propõe aos educadores atuar com o propósito de construir a unidade social em sociedades marcadas por diferenças e desigualdades, promovendo a leitura crítica das mensagens emitidas pela publicidade; trabalhando com as experiências prévias dos jovens alunos e reformulando currículos de modo que se reorganizem espaços e tempos de compartilhamento de saberes, bem como que se ampliem a experiência social pública e o direito de todos às riquezas simbólicas e materiais da sociedade.

Carmem Teresa Gabriel aborda, no oitavo texto, a importância da discussão do conhecimento escolar, colocando-se a favor de novas formas de articular diferentes teorizações no campo do currículo para que se potencializem os

aspectos políticos e epistemológicos da interface conhecimento e cultura. Sustenta que o processo de hibridação dos discursos sobre cultura, conhecimento, poder e currículo favorece questões críticas e pós-críticas referentes ao conhecimento escolar, sem que se abra mão da crença na escola pública como importante espaço político.

O valor e a importância do livro estão não só na diversidade de enfoques e na riqueza conceitual apresentada, como também na possibilidade de conhecer experiências práticas que tratam da questão multicultural. Somos desafiados a refletir e a nos posicionar perante as questões tratadas, o que é urgente no nosso contexto. O livro é certamente leitura indispensável a pesquisadores da questão multicultural, professores e estudantes de pedagogia e licenciaturas, possibilitando uma postura mais crítica diante dessas questões.

*Maria Inês Marcondes*

Professora do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)